Você está em diversas produções lançadas nos últimos 12 meses, como as segundas temporadas das séries DNA do crime e Os outros, a minissérie *Vidas bandidas*, as novelas *Vale tudo* e *Guerreiros do Sol* e o filme *O agente secreto*. Como você equilibra tantos lançamentos?

Eu me sinto muito feliz por estar fazendo parte desses projetos. Apesar de ter realizado trabalhos há dois, três ou até sete anos — como o filme *Paterno*, estrelado por Marco Ricca e dirigido por Marcelo Lordello —, a maioria deles foi lançada este ano. Por isso, sinto-me profundamente honrado em fazer parte dessa trajetória. Isso integra a cultura, a nossa cultura brasileira. A dedicação, o foco e a busca constante por trabalho refletem minha integridade e maturidade crescentes no ofício que abraço com tanto empenho.

Vilão terrível em *DNA do crime*

Nota-se que sua trajetória é marcada por uma grande variedade de papéis e projetos. O que o motiva a escolher um projeto?

O que me motiva a escolher um projeto é a certeza de que toda arte fomenta conhecimento. Ela provoca diálogo e discussão. Toda construção artística carrega um potente cunho político-social. Representar personagens que nos permitem refletir sobre a realidade é transformador — para mim e, acredito, para o público. As pessoas saem das salas chorando, felizes ou indignadas. Isso, para mim, é o mais valioso que a cultura pode oferecer. Motiva-me saber que estou construindo e lançando no mundo algo com potência de transformação política e social. Sou muito feliz como artista pela variedade de papéis e projetos que recebo, todos cheios de desafios — o que adoro. Representar personagens fictícios ou reais, que geram conversas em mesas de bar ou em qualquer lugar, nos torna coletivamente mais conscientes. Essa é a verdadeira razão pela qual escolhi esta profissão.

Revivendo o cangaço com Isadora Cruz em *Guerreiros do Sol*, novela do Globoplay

***Guerreiros do Sol* é uma produção potente que retrata de forma muito visceral o Nordeste brasileiro. Qual a importância dessa obra para a cultura brasileira?**

A importância de uma obra como esta está em mergulharmos ainda mais fundo no Nordeste. Uma obra como *Guerreiros do Sol*, que certamente marcará a história do Brasil, ao retratar o sertão e o Nordeste, é motivo de enorme orgulho. Socialmente, o Nordeste ainda é muito questionado, mas é um pilar fundamental na construção desta nação — seu povo, seus artistas, seus trabalhadores. Ainda somos subestimados, e por isso acredito que obras como esta revelam a força real do Nordeste.

Cada vez que represento algo ligado à minha origem, sinto orgulho de retratar uma história que vai além de estereótipos, mostrando que o Nordeste é cultural e humanamente igual a qualquer outro lugar do mundo. Temos força artística e social — e isso é poderoso.

Com Adriana Esteves e Antonio Haddad, deu vida a Amâncio nas duas temporadas da série de sucesso *Os outros*

O artista negro e nordestino está tendo maiores e melhores oportunidades no audiovisual. Como enxerga esse momento?

A estrada é longa, mas finalmente estamos conquistando representatividade. É essencial reconhecer que existiam padrões de preconceito enraizados, que não cabem mais no século 21. O racismo, por exemplo, foi estruturalmente construído para submeter a população negra — o que é completamente inaceitável. Todos somos igualmente capazes e importantes. Nós, nordestinos, ainda sofremos com a xenofobia e o preconceito de que seríamos menos instruídos. Mas somos inteligentíssimos, estudados, dignos e orgulhosos. Poder mostrar isso através da arte, com toda essa representatividade, é maravilhoso. Muitos talentos artísticos permanecem "escondidos" por falta de oportunidade. Que bom que essa bandeira começa a ser levantada, e que estamos caminhando para um cenário mais igualitário. Vejo este momento como um começo — cheio de luta, mas também de visibilidade. Que bom ver mais protagonistas negros e nordestinos em cena. Isso me deixa muito feliz.

Você ganhou destaque no cinema com *Tatuagem* (de Hilton Lacerda) e *Bacurau* e agora está em O agente secreto. Como é trabalhar com o diretor Kleber Mendonça Filho novamente e como se sente por estar em produções pernambucanas de destaque?

Tenho orgulho de integrar essa produção pernambucana, que é sinônimo de resistência e qualidade reconhecida internacionalmente.

Você está no elenco da série *Man on fire*, da Netflix. Como foi a experiência de atuar em uma produção internacional?

Fazer um papel em outro idioma foi desafiador e instigante. Exige atenção redobrada, estudo de vocabulário e até improviso em inglês. O mais rico, porém, foi trocar com artistas internacionais, observar como trabalham, como pensam o cinema e a construção de personagem. Essa experiência me abriu portas e me deixou ainda mais determinado a conquistar espaço no mundo — seja no Chile, Argentina, França, Itália ou Estados Unidos. Quero deixar minha marca.

***Vale tudo* é o seu primeiro trabalho originalmente feito para a tevê e uma produção muito visibilizada. Você sente que, agora, o público brasileiro passou a lhe reconhecer melhor? Como tem sido sua relação com o público?**

Vale tudo tem sido muito especial. Meu personagem tornou-se mais complexo nesta versão. O público tem me reconhecido mais — já havia certo reconhecimento por trabalhos no cinema, como *DNA do crime*, *Vidas bandidas* e *Bacurau*, mas a televisão amplifica muito isso. Ouvir as pessoas comentando personagens que construí — como Ivaldo, de *Manhã de setembro* — me motiva ainda mais. Saber que meu trabalho é visto, valorizado e gera discussão é a cereja do bolo.

Você tem uma grande presença nas plataformas de streaming. Como vê o futuro da indústria do entretenimento em relação ao streaming?

Os streamings são muito importantes. Tornam visíveis produções locais de todo o mundo e geram oportunidades. No entanto, não substituem o cinema. A experiência cinematográfica é um ritual único, gera um tipo diferente de renda e valoriza o trabalho de uma enorme equipe que merece ser reconhecida. O streaming complementa, mas não substitui.

Em *Vale tudo*, é Mário Sérgio, em cena com Alice Wegmann

Ano que vem você completa 40 anos. Como está o Thomás em relação a essa virada? Você é um homem vaidoso?

Sinto-me cada vez mais maduro. Com o tempo, ganhamos clareza, e isso, paradoxalmente, nos rejuvenesce. Tenho vaidade, mas saudável: cuido da saúde, faço academia, medito, leio. Quero envelhecer com vitalidade. Completarei 40 anos em breve, e serão também 20 anos de carreira. É um marco simbólico e feliz.